

Palmeiras! O Porco tava raquítico!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Que semana! Corinthians Libertadores e Palmeiras Campeão. Onde é que aperta o botão do fim do mundo? Uma onda gigante vai invadir tudo! Semana bombada: Debóchenes cassado e Palmeiras Campeão. E sabe por que o Maluf tá apoiando o Haddad? Porque o Haddad não é bom de provas! E o Maluf detesta provas. E qual o destino do Debóchenes? Diz que o Debóchenes vai voltar em 2027. E vai dar de cara com o Sarney. Sentado na mesma cadeira. Firme e Fortão! O Sarney é cenário do Senado! Ou então o Debóchenes volta pra Goiânia e cria um dupla sertaneja: Cascatina e Cachoeira. Ou, como disse o Helio de La Peña do "Casseta & Planeta": "Vai assumir um ponto de bicho no centro de Goiânia". E os senadores? Eu gosto dos senadores porque eles falam "peremptório". E "egregia". Gosto muito de "egregia". "Egregia" é tudo! E

teve um senador que citou até Sêneca e depois disse: "Nós não podemos SE conformar". Rarárá! O Sêneca não era muito bom de concordância! E sabe quem vai ocupar a vaga do Debóchenes? O ex-marido da mulher do Cachoeira! Isso se chama: EFEITO CASCATA! Rarárá! Vai dar merda! Tudo que é ex dá confusão: ex-mulher, ex-amante, ex-marido! E o Palmeiras campeão? Depois de séculos. A cidade ainda tá com cheiro de mofo! Estouram rãio mofo. Com cheiro de mofo, mas pelo menos estouraram. Não é como o meu São Paulo, que só estoura pipoca. A única coisa que são-paulino estoura é pipoca! Agora só resta pros são-paulinos torcer pro Léo Áquila ganhar "A Fazenda"! E a Gretchen? Saiu de "A Fazenda". Num guentou. Abstinência matrimonial! A Gretchen saiu da fazenda e ficou num mato sem cachorro. Ops, sem

marido. A bunda da Gretchen não é uma fazenda, é um latifúndio! E os corinthianos? Não precisam cavar túnel pro Japão. Já tem agência com promoção: "Japão em 48 vezes: Passagem pro Japão, passaporte falsificado, vale-refeição internacional e barraca de camping". E dicionário com tradução de expressões úteis direto pro japonês: "Perdeu, mano". "Vai levar pipoco." "Não fui eu." "Sou trabalhador." "Quero minha mãe." Adorei o "quero a minha mãe"! E ainda bem que acabou o campeonato. Não aguentava mais gritar "Chupa!"; "Chupa, Boca!" "Chupa, Coxa!" "Chupa, Porco!" E Chupacabra! Tamos na fase da fixação oral! Nós sofre, mas nós goza! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!



hojecmdia.com.br

BELO HORIZONTE
DOMINGO,
15.7.2012



E diz que o Debóchenes vai voltar em 2027. E vai dar de cara com o Sarney. O Sarney é cenário do Senado! Rarárá!

Miguel Anunciação

mfernando@hojecmdia.com.br

Pintor, escultor, desenhista, gravador e ilustrador, Farnese de Andrade nasceu em Araguari, no Triângulo Mineiro. Radicou-se em Belo Horizonte para estudar com Guignard, depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi tratar-se de tuberculose e ampliar as perspectivas profissionais. Lá, faleceu aos 70 anos, quando já havia construído uma carreira e tanto, absolutamente única nas artes plásticas.

Nascido em Belo Horizonte, ator formado no Cefar, Vandrê Silveira só veio a conhecer Farnese e sua obra no Rio, onde mora há sete anos. Um encontro para sempre: "Fiquei louco, alucinado e nesses cinco anos passei a pesquisar tudo, vida e obra, a ter contatos com os amigos dele e a tentar produzir um espetáculo", frisa o ator. Tomado de paixão, obteve recursos para erguer "Farnese de Saudade", produziu, colaborou na dramaturgia (de manuscritos e entrevistas de Farnese), interpreta e bolou a cenografia.

Dirigido por Celina Sodré, sempre ligada à experimentação no teatro, seguidora de Grotowski e Stanislavski, o monólogo esteve em cartaz de março a abril, na



EM CENA - Vandrê produz, interpreta e escreveu "Farnese de Saudade", peça sobre o artista plástico, que recebeu indicação para o Prêmio Shell para dramaturgia

PERFIL

Uma trajetória de prêmios de Vandrê

Desde bastante cedo na carreira, Vandrê Silveira aprendeu a ir fundo nos personagens que admira.

Pouco depois de formado no Cefar, interpretou o travesti "Bárbara", sob a direção de Carlos Grádim.

O curta-metragem teve bastantes prêmios pelos festivais. "Ali, percebi que é preciso se transformar de dentro para fora". É ao que se devota com "o seu Farnese", um presente sem igual na profissão, até aqui mais voltada à publicidade, a algumas participações na TV e uns bons trabalhos no teatro. Não fosse papai ajudar...

Bravo!

Paixão por Farnese muda vida de Vandrê

Aluno de Guignard, o artista de Araguari teve sua trajetória esmiuçada pelo ator mineiro, que levou o resultado do trabalho e admiração aos palcos do Rio

"Fiquei louco, alucinado e passei a pesquisar tudo para produzir um espetáculo"

galeria de exposições do Teatro Sérgio Porto, no Humaitá. Colheu elogios de público e crítica, menção na revista Bravo! e indicação ao Prêmio Shell pela cenografia, na dis-

puta com as demais estreias da avultada cena teatral carioca do 1º semestre deste ano.

Inspirado numa escultura da francesa Louise Bourgeois (1911-2010), a cenografia estabelece dois planos: uma im-

ponente estrutura de ferro cercada por areia. Assim Vandrê efetiva sua leitura da personalidade cindida do homenageado, cuja obra soaria sinistra, taciturna para muitos, povoada por diversos santos, embora ele mesmo fosse irônico, sarcástico e alimentasse repulsa aos dogmas católicos.

Um sujeito especialmente sensível, que manteve uma relação considerada bélica contra a família, inclusive pai e mãe, e contra as crianças, por considerá-las "permanentemente tortura chinesa para os adultos".

Apesar da fragmentação evidente das suas obras, construídas de pe-

ças dispersas que se articulam admiravelmente, Farnese não separava vida e obra. Foi autobiográfico em tudo que criou, diz Vandrê, por isso tanto o admiraria. Por isso tanto se empenhou em obter os objetos adequados ao que pretendia.

Durante dois anos, vasculhou praias (veja

no site do ator), feiras populares e anti-quários recolhendo "o que Farnese gostaria". "As vezes, pagando muito caro. Sendo ainda mais radical, despi do de vaidades, raspou a cabeça para estar em cena, como as cabeças que as obras de Farnese costumava trazer, e a cada sessão a submetia à pintura de um artista convidado.

Por Farnese não fez por menos, foi longe, se expôs. Admite o desgosto por não participar da última edição do FIT, uma ótima chance de poder vir a BH. Eram dois mineiros vivendo limites em cena, justifica. Menos pior, a peça volta em setembro, na Lapa, já foi sondada pelo Palco Giratório, do Sesc, e os comentários positivos até hoje não cessam. ●